

Ecos & Confidências

Com o presente caderno a *Revista Literária* considera vencida a primeira *étape* da sua carreira, vencida com sacrifícios de toda a ordem mas com honra e proveito para os fins que se propõe servir. Os testemunhos de que satisfaz a uma necessidade do nosso meio não escasseiam, vindos de perto e de longe, quer dos recantos da província, tão queixosos do seu isolamento espiritual, quer das Áfricas e do Brasil, quer ainda dos pontos mais estranhos e afastados do globo, como sejam as nações americanas de idiomas espanhol e inglês e o Japão, até onde a *Revista Literária* já conseguiu levar um eco das nossas letras. Moralmente, pois, a sementeira não deparou com mau terreno. Ele é, pelo contrário, amplo e feraz.

Mas já quanto às condições materiais da sua vida a *Revista Literária* não descortina perspectivas tão claras e fagueiras. Diga-se o que é verdadeiro: ela vive com dificuldades. Há quem a suponha custeada pelos livreiros e, por conseguinte, dotada dos bastantes recursos. Destaca-se o equívoco. Cada um destes apenas a adquire, num determinado número de exemplares que distribui gratuitamente pelos seus clientes, por quantia que representa *menos da quarta parte do seu custo*. Isto permitirá avaliar-se a nossa perda no total das tiragens. Ainda que a tão exígua receita haja de adicionar-se a da publicidade, como esta tem sido escassa e obtida sob modestíssima tabela, tudo junto deixa ainda a negra margem dum grande *déficit*.

Todavia, com a perseverança e a abnegação que são atributos dos apostolados, não queremos que a *Revista Literária* sossobre. Pela sua vigência continuaremos a queimar os nossos esforços, esperançados em que o auxílio de quem no-lo possa e queira facultar não tarde. E só quando nos convenceremos de que a nossa terra é uma tremenda terra de egoístas e não há aqui quem se acerque duma árvore senão quando a veja robusta e carregadinha de frutos e exactamente só para os colher e saborear, — é que pronunciaremos, desolados, essa frase que, pelo scepticismo que a embebe, tem sabor de morte: — *Afinal, não valia a pena...*

♦ Dia a dia são mais falso o prolóquio: *de Espanha nem bom vento, nem bom casamento*. Portugueses e espanhóis já deixaram de olhar-se de esguêlha. A sua atitude hoje vai mesmo além da saudação complacente de bons e cortesios vizinhos. E' antes uma sincera estima que os une e de que sai um colóquio animado e fraterno. Quando alhures o não seja, no campo literário isto é flagrante. A osmose acentua-se, talvez mais intensa de cá para lá de que ao invés, devido isto pela certa à exiguidade do nosso público leitor. Os escritores espanhóis já aqui encontram quem os leia com fervor e assiduidade. E os nossos, através de cuidadas traduções, começam de ser difundidos no amplo mercado de que a Espanha dispõe, constituído não só pela sua metrópole como também pelas repúblicas sul-americanas, cujos naturais falam a língua castelhana. De bom grado atentos a tudo que confirme esse entendimento, vamos hoje registar novos factos nele filiados. O romance *A via sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, tem pronta a sua versão espanhola. É essa hospitalidade não é privilégio dos consagrados. Aos valores recentes

é franqueada idêntica difusão. Vejamos. *La Novela del Día*, que a Casa Velázquez, de Sevilha, está editando com fortuna, abrange já produções dos mais novos dos novelistas portugueses. *El éxito fácil*, de Ferreira de Castro, foi publicado agora na série e em breve sucederá o mesmo a novelas doutros escritores nossos das modernas gerações. Apraz-nos denunciar que é a D. José Andrés Vázquez, fino literato e director dessa colecção, que se deve tão belo movimento de simpatia pelos *novos* da literatura portuguesa.

♦ E porque é que, não obstante as várias tentativas feitas nesse sentido, este género de literatura rápida e módica no preço que é a novela periódica não criou ainda raízes entre nós, quando em Espanha e mais países prolifera e dá para sustentar, com fartas vantagens para autores e editores, diversas colecções? Mistério. Pois podemos anunciar que em Outubro próximo vai ser lançada uma nova série dessas curtas produções, a que é lícito vaticinar longo futuro, pois aparecerá amparada à revista *A B C* e sob a direcção do ilustre homem de letras Sousa Costa, que já tem elaborado o elenco dos seus colaboradores.

♦ Num dos próximos cadernos iniciaremos uma secção intitulada *Estrangeiros amigos das nossas letras*. O seu primeiro artigo occupar-se há da obra lusófila de D. Inácio de Ribera y Rovira.

♦ A irregularidade de publicação a que até a data não pôde eximir-se a *Revista Literária*, como aliás vem sucedendo a outros periódicos de mais fortes recursos, não tem affectado os interesses de ninguém, a não ser os da própria empresa editora. Para isso é que aos leitores que com ela dispendem alguma coisa, e estes são unicamente os que a assinam, foi concedida, além doutras vantagens, a das assinaturas serem contadas não por números mas por cadernos, ainda que cada um destes contenha a matéria de dois ou mais n.ºs, como sucede no presente.

♦ Horácio Ferreira Alves é um modesto publicista que tem dado brilho às colunas da imprensa diária, a maior parte das vezes occultando-se no anonimato. Agora abalança-se a cometimento mais alto, qual é a dum livro que denominou *Dois grandes caluniados* (D. Fernando e Leonor Teles), produto duma aturada análise crítica da crónica de Fernão Lopes. Gizado já há bastante tempo, não o traçou o autor com a intenção duma réplica à obra recente e tão falada do dr. Asdrúbal de Aguiar, *O Rei Formoso e a Flôr de Altura*. Mas não nos admira de que muita gente lhe empreste esse significado. Com vista aos editores, não é ocioso dizer que esse trabalho não está ainda cativo de qualquer contracto.

♦ O dia de Camões foi condignamente festejado em muitas partes do globo. Não nos anima o propósito dum minucioso censo dessas manifestações de compreensão e respeito pela figura das nossas letras que maior nomeada gosa intra e extra-fronteiras e é, na verdade, um dos grandes poetas épicos e líricos da literatura universal. Mas é-nos grato salientar Santiago de Chile como uma das partes da América latina onde essa comemoração alcançou mais inteligência e brilho. Graças à lembrança do sr. Artur Vieira, português ali

residente, que com justa razão incluímos no número dos Amigos da *Revista Literária*, por ter chamado a si os encargos duma boa quantidade de exemplares, que distribue patrioticamente por bibliotecas, jornais, revistas e livrarias, críticos e homens de letras, — graças a êle, dizíamos, temos presentes alguns números dos principais periódicos de Santiago de Chile, do dia 10 de Junho ultimo, em que, em extensos artigos ilustrados, o nome de Camões é glorificado. Esses periódicos são: *El Mercurio*, *La Nacion*, *Las Ultimas Noticias* e *El Diario Ilustrado*. Neste último encontramos um artigo de fundo, firmado por Andrés González Blanco, nome já familiar ao nosso público, que estabelece um paralelo entre Cervantes e Luís de Camões.

♦ O livro de Alberto Pimentel, «Luar de Saudade», inclui páginas de memórias cujo interesse é de calcular quando se lembre a sua propecta idade e o número de factos e de figuras que hão passado perante a sua retina. O espectro de Camilo não estará ausente delas, pela certa.

♦ Eis no que trabalham algumas penas femininas: Maria de Carvalho comenta, na revista *A B C*, os livros que vão saindo e prepara um novo volume de líricas; Fernanda de Castro Ferro não tardará em dar a lume o seu já anunciado livro de versos *Cidade em flôr*, além de ir assumir a direcção duma nova publicação destinada a assuntos femininos; Beatriz Delgado vai dar ao prelo um pequeno volume de anotações sentimentais que intitula *Setas de pontas de ouro*; Maria Sofia Machado (Santo Tirso) no próximo Natal dar-nos há o voluminho inicial duma nova colecção da Empresa Literária Fluminense, confiada por esta à orientação da sr.^a D. Maria Carolina Ramos. *A boneca côr de rosa* é como Maria Sofia Machado (S. Tirso) chama à sua nova obra.

♦ A época literária desta citada casa editora abrirá com o *De Erradio*, do dr. Ricardo Jorge, e, continuando as suas colecções já conhecidas, como a de Latino Coelho, de que sairá o volume *Literatura e História*, e a das obras de Paulo Mantegazza, de que se reeditam *A alma das coisas*, o *Elogio da velhice* e *O Amor* e de que se prepara para o ano próximo um trabalho inédito, lançará também estas obras: *Jornal dum rebelde*, nova edição revista e aumentada, de Albino Forjaz de Sampaio; *A fadiga*, de Angelo Mosso; *Doenças da Memória*, de T. Ribot; *O serviço de saúde na Campanha de Roussillon*, pelo tenente-coronel médico Manuel Gião; *Cartas de Camilo a Silva Pinto*; *As fontes da riqueza*, de Ruskin; *Palestras Camilianas*, de Dias da Costa; e o *Guia do tuberculoso*, do dr. Raul Faria, livro êste, infelizmente, de tanta actualidade.

♦ Não deixará, pela certa, de ser devidamente saboreada a extensa e curiosíssima carta de Fialho de Almeida que, inaugurando a secção *Epistolário* da nossa Revista, publicamos neste fascículo. Absolutamente inédita e preciosa sob o aspecto de auto-psicologia, scintillante daquela verve e daquele espírito cáustico que foram em Fialho, simultaneamente, a sua maior fortuna de panfletário e o seu maior pecado de artista, devemos a sua publicação à gentileza sempre certa de João Saraiva, seu destinatário. Agradecendo-lha, a *Revista Literária* tem o prazer de confidenciar que êste illustre poeta está trabalhando em dois novos livros, um de líricas e outro de sátiras, devendo também aparecer muito em breve nas livrarias a segunda edição das *Sá-*

tiras de Rival que há dois anos lançou a público com o êxito que está na memória de todos.

♦ A Renascença Portuguesa, cuja séde é no Porto, alienou a sua tipografia a um novo grupo editor, saído do seu próprio seio e que tomou o nome de *Marânus*, grupo que chamará a si a tarefa editorial da supracitada Renascença, d'oravante aplicada exclusivamente na publicação da Revista *A Águia* e de mais algumas edições particulares.

♦ A Parçaria António Maria Pereira vai imprimir o segundo livro de versos de Francisco Costa, autor do volume *Pó*, de que a crítica elogiou a intenção filosófica. Também a mesma casa contractou um novo original de M. Duarte Lopes, que há pouco se estreou com *O Frei Sangue*.

Certas Almas... é o título da obra aludida e trata-se dum romance de scenas da vida íntima de Lisboa.

♦ O dr. Cândido de Figueiredo, cuja idade já dobrou há muito o meio século e cuja posição notável nas letras lhe permitiu manter relações epistolares com muitos insignes homens do nosso país, vai publicar um volume em que compendiou 85 dessas cartas, anotando-as carinhosamente.

♦ Alguns livros de publicação muito breve:

Paris, de Ramalho Ortigão; *Ex-votos*, de Carlos Parreira; *Com os olhos na Pátria*, de Eduardo de Noronha; *Musa Irónica*, do dr. Campos Monteiro; *Homens do meu tempo*, de Paulo Freire; *História da Música*, de Franz d'Hurigny; *Mar Alto e Idade do Jazz-Band*, de António Ferro; *Ritmo de Bilros*, de Artur Maciel; *Eça de Queiroz revelado por uma illustre Senhora de sua família*; *Três Novelas*, de João Amaral Júnior; *A porcelana em Portugal — A fábrica da Vista Alegre*, de D. José Pessanha. Muitos deles chegarão ao mercado antes do presente caderno da *Revista Literária* entrar a circular.

♦ Livros que se aprontam e, provavelmente, só aparecerão em Outubro: *Fumos da Índia*, de Henrique Lopes de Mendonça; *Oliveira*, de Gustavo de Matos Sequeira e Rocha Júnior; *Memórias de um caçador de elefantes*, de João Pereira Teixeira de Vasconcelos, obra profusamente ilustrada e com prefácio de Raúl Brandão; *Homens de Letras*, de Albino Forjaz de Sampaio, que também tem no prelo uma nova edição, refundida, do *Jornal dum rebelde*; a 3.^a edição de *Ao parapeito*, de Pina de Moraes; *Páginas de Sangue*, 2.^a edição, para a qual Sousa Costa, seu autor, conseguiu a novidade da reprodução duma carta autógrafa de João Brandão sobre o assassinato do padre Portugal; *A filosofia de Félix Pevide*, de André Brun; *Diamantes negros*, colectânea da obra poética do malogrado Eduardo Metzner, prefaciada por Bourbon e Menezes; *Os pobres*, de Raúl Brandão, edição que, além do prefácio de Guerra Junqueiro que já acompanhara a edição primeira, foi ampliada com um capítulo inédito; *D. Sebastião*, de Antero de Figueiredo, obra há tanto tempo esperada e desejada, qual a figura que lhe deu o tema; *Os povos primitivos da Lusitânia*, do dr. A. Mendes Corrêa, professor da Universidade do Porto; *Aliança Ibérica*, de António Sardinha; *Frei Tomás*, de Chagas Roquette; *Flores do Mal*, de Beau-delaire, em tradução de Delfim de Guimarães e um prefácio de Forjaz de Sampaio e Hemetério Arantes; e quicá mais alguns, de que não lográmos ainda rebater.